

A diversificação na carteira de pautas da *FolhaInvest*: Uma análise de textos sobre investimentos

Eduardo Ritter¹

Resumo

Quando o assunto é investimento, um dos princípios apontados por especialistas é a diversificação da carteira. No jornalismo econômico, para atender aos diversos interesses do público, a pluralidade de assuntos é elemento-chave. O mesmo princípio vale para uma editoria específica sobre investimentos, como é o caso da *FolhaInvest*, publicada semanalmente na *Folha de S.Paulo*. Valendo-se da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) esse estudo aponta a variedade de pautas sobre investimentos da *FolhaInvest*, constatando uma tendência à pluralidade. Por outro lado, as reportagens sobre renda fixa e variável apresentam textos mais técnicos voltados para pessoas familiarizadas com o mercado financeiro, excluindo a maioria da população que não é alfabetizada financeiramente.

Palavras-chave: Jornalismo Econômico. Investimento. Mercado financeiro. Análise de conteúdo. *Folha de S.Paulo*.

Diversification in *FolhaInvest*'s agenda choices: an analysis of texts on investments

Abstract

When it comes to investment, one of the principles pointed out by specialists is portfolio diversification. In economic journalism, to meet the diverse interests of the public, the plurality of subjects is a key element. The same goes for a specific editorial on investments, such as *FolhaInvest*, published weekly in *Folha de S.Paulo*. Using the Content Analysis of Bardin (2011), this study points out the variety of guidelines about investments by *FolhaInvest*, noting a trend towards plurality. On the other hand, the articles on fixed and variable income present more technical texts aimed at people familiar with the financial market, excluding the majority of the population that is not financially literate.

Keywords: Economic Journalism. Investment. Financial Market. Content Analysis. *Folha de S.Paulo*.

¹ Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor adjunto do curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: ritteergaicho@gmail.com.

Introdução

O surgimento e a acelerada popularização das redes sociais e aplicativos de celular transformou a forma de produzir e consumir todos os tipos de conteúdo ao redor do globo. No mundo ocidental e, mais particularmente, no Brasil, cada vez surgem mais perfis em redes sociais, páginas e canais voltados para investidores. O público-alvo desses produtores de conteúdo vão desde iniciantes até profissionais experientes do mercado financeiro.

Exemplos conhecidos do grande público não faltam. Empresas de investimento, consultores e investidores são setores que passaram a explorar essas possibilidades. Nomes como Gustavo Cerbasi e Nathalia Arcuri — criadora do canal *Me Poupe* — são amostras disso. E quando surgiu o canal do YouTube intitulado *Primo Rico*, do investidor Thiago Nigro, em 2016, em poucos meses apareceu a contrapartida com o canal *Primo Pobre*, do administrador Eduardo Feldberg, que com uma linguagem simples, informal e humorada, logo ultrapassou a marca de meio milhão de inscritos. Diante desse cenário, surge as seguintes questões: como o jornalismo econômico pode sobreviver diante desses fortes concorrentes, que passam a ocupar as mesmas plataformas utilizadas pelos jornalistas? Essa competição é excludente ou há espaço para todos no universo de produção de conteúdo sobre investimentos?

O presente artigo não tem a ambição de responder tão complexas questões, no entanto, propõe-se aqui analisar como a edição impressa de um dos principais veículos jornalísticos do país, a *Folha de S.Paulo*, está tratando a temática nas suas páginas diante de um cenário tão enigmático e mutável. Afinal, o desafio é duplo: captar a atenção do leitor e ainda superar as limitações do jornalismo impresso disponibilizando o mesmo conteúdo e muitos outros nas plataformas digitais do jornal. Destarte, este estudo faz um recorte, analisando a editoria *FolhaInvest* do primeiro caderno da edição impressa do jornal *Folha de S.Paulo*, publicada semanalmente, sempre às segundas-feiras. Para tanto, foi feito um recorte do mês de novembro de 2021, na busca de responder a seguinte problemática de pesquisa: quais são os principais temas apresentados pela editoria *FolhaInvest* na edição impressa do diário e como é feita essa abordagem?

Para responder a tal pergunta, metodologicamente, optou-se pela criação de categorias a partir da Análise de Conteúdo, de Bardin (2011), baseadas nos tipos de investimentos abordados nos textos jornalísticos. No entanto, até chegar lá, inicialmente é feita a apresentação do conceito contemporâneo de investimentos, bem como quais são

os principais tipos. Posteriormente é feita a apresentação e breve contextualização do jornalismo econômico no Brasil para, em seguida, serem apresentadas as categorias elencadas. Por fim, é efetuada a análise e inferência dos dados levantados, reiterando que o recorte da pesquisa é a editoria *FolhaInvest* de todas as edições impressas do jornal *Folha de S.Paulo* publicadas no mês de novembro de 2021.

Investimento financeiro: conceitos e principais tipos

Dados de levantamento realizado pelo instituto de pesquisa de opinião norte-americano Gallup Poll apresentaram, em 2015, um ranking de analfabetismo financeiro global. Entre os 148 países pesquisados, o Brasil obteve o 68º pior resultado em questões que colocavam à prova conhecimento de adultos sobre quatro conceitos básicos: diversificação de risco, inflação, aritmética e juros compostos. Esse dado, apresentado em reportagem da BBC Brasil (2015), ilustra a falta de conhecimento dos brasileiros sobre a temática, pois foram acertadas apenas 35% das questões.

Apesar de aparecer bem à frente, em 17º lugar no ranking, essa situação também é vivida nos Estados Unidos e em outros países ocidentais, conforme o relato do consultor e investidor americano Robert Kiyosaki. Ele ressalta que a maioria das pessoas, quando o assunto é investimento, não sabe a diferença entre passivos e ativos, que nessa área também apresenta conceito diferenciado em relação às Ciências Contábeis. “A principal causa da dificuldade financeira está simplesmente no desconhecimento da diferença entre um ativo e um passivo [...] Um ativo é algo que põe dinheiro no meu bolso. Um passivo é algo que tira dinheiro do meu bolso” (Kiyosaki; Lechter, 2000, p. 65), resume o autor.

Feita essa breve problematização, ressalta-se que neste artigo sempre que a palavra *investimento* for utilizada é no sentido de investimento financeiro, e não em outros tipos de investimento, como investir na felicidade, no amor, no trabalho, na amizade e afins. A partir de então, surge a seguinte pergunta: e o que é um investimento financeiro? Há perspectivas de autores diferentes, mas em um sentido convergente quando o assunto é investir o dinheiro em algo ou em algum lugar. “O que eu chamo de ciência do dinheiro que faz dinheiro. Isso envolve estratégias e fórmulas. É o lado direito do cérebro, ou o lado criativo” (*ibid.*, 2000, p. 100). Conforme os autores, para investir é preciso muito estudo, informação atualizada e dedicação para obter resultados positivos.

Esse também é o posicionamento do especialista em investimentos brasileiro Gustavo Cerbasi. “Antes de começar a investir é preciso ter em mente que investir é multiplicar, e não somar. Investir pressupõe o acúmulo de lucros que você obtém, para que, com um patrimônio cada vez maior, você lucre mais” (Cerbasi, 2019, p. 29). O autor acrescenta que investir é estar bem informado e exige muita dedicação e estudo. Sobre isso, o exemplo citado por Cerbasi é esclarecedor:

Evite o erro de acreditar que enriquecerá sem fazer nada. Na quase totalidade dos investimentos, sua rentabilidade será proporcional a sua dedicação de tempo aprendendo e se envolvendo com o mercado em que você investe. Para ganhar mais na renda fixa, é preciso estudar continuamente as alternativas que o mercado oferece, entre títulos públicos, debêntures, CDBs de bancos de segunda linha, fundos e operações compromissadas. Para ganhar mais na renda variável é preciso rever sua carteira de ações periodicamente e estar sempre atualizado sobre as ações que terão melhor desempenho nos próximos anos (*ibid.*, 2019, p. 27).

A mesma lógica vale para empresas ou para quem deseja se especializar em qualquer área a fim de obter um salário maior. Kiyosaki e Lechter (2000), por sua vez, salientam que investir não é sinônimo de ter um bom salário ou de ser especialista em economia ou contabilidade, pois se assim fosse, não teríamos tantas pessoas com salários altos, economistas e contabilistas endividados. No entanto, é preciso ter conhecimentos básicos dessas áreas, além uma boa noção de legislação, tributação, mercado de capitais e finanças. Após conhecer esses campos, também é preciso evitar armadilhas e abdicar da utilização errônea do conceito de investimento. Tanto Kiyosaki e Lechter (2000) quanto Cerbasi (2016, 2019) apontam falácias populares nessa área, sendo um dos principais a antiga crença de que ter residência própria é um investimento.

O padrão de se considerar o imóvel residencial como investimento e a filosofia de que um aumento de salário significa que você pode comprar uma casa maior ou gastar mais é a base do atual endividamento da sociedade. Este processo de despesa crescente faz com que as famílias se endividem mais e tenham mais incerteza financeira, mesmo quando progredem no emprego e recebem aumentos salariais regulares. Esta é uma vida muito arriscada decorrente da precária instrução financeira (Kiyosaki; Lachter, 2000, p. 80).

Além da moradia própria, há outros pensamentos que se arraigaram no imaginário popular sobre investimento, como por exemplo: comprar carro, dólar, participar de consórcio, tirar empréstimo, títulos de capitalização, sites de apostas esportivas, dentre

outros. Conforme os autores, pode ser considerado investimento aquele dinheiro utilizado para multiplicar o capital do sujeito ou da organização. Ou seja, um imóvel passa a ser um investimento, por exemplo, se ele for utilizado para gerar mais renda (como revenda a um preço maior ou cobrança aluguel), e não como moradia, pois nesse caso, ele vai gerar gastos, e não lucro, com impostos e manutenção. Nessa perspectiva, o fato de economizar o valor gasto com aluguel não é um investimento, mas sim, uma economia.

Dito isto, chega-se aos tipos de investimento. Para os americanos Kiyosaki e Lechter (2000), os investimentos são divididos em algumas categorias principais: empresas, ações, títulos, fundos mútuos, imóveis que geram renda, promissórias, *royalties* de propriedade intelectual e tudo o que tenha valor, gere renda ou se valorize em um mercado líquido. No entanto, para essa pesquisa, é considerada a classificação proposta por Cerbasi (2019), por estar relacionada ao contexto brasileiro. Essa categorização é dividida em dois grandes grupos: renda fixa e renda variável.

Por renda fixa se entende o investimento que tem regras de rendimento definidas antes de investir. Ou seja, quando é feito o investimento, o sujeito já sabe o prazo, a taxa de rendimento ou o índice que será usado para valorizar o dinheiro. Apesar de o conceito ser simples, há diversas formas de renda fixa. Inicialmente, as taxas podem ser pré ou pós-fixada, sendo que na primeira, ao fazer o contrato, a pessoa sabe a taxa de juros que vai receber pelo prazo que deixar o dinheiro investido. Já na pós-fixada, a remuneração está vinculada ao desempenho de algum índice que pode variar ao longo do tempo (Cerbasi, 2019).

Ainda conforme Cerbasi (2019), no Brasil, esses são os principais tipos de renda fixa: caderneta de Poupança, títulos públicos, tesouro prefixado ou Letra do Tesouro Nacional, Tesouro Selic ou Letra Financeira do Tesouro, Tesouro IPCA + com juros semestrais, Tesouro prefixado com juros semestrais, Certificados de Depósito Bancário (CDBs), debêntures, Letras hipotecárias, Letras de Crédito Imobiliário e Letras de Crédito do Agronegócio, operações compromissadas, ouro e fundos de renda fixa. Neste estudo não serão aprofundados os tipos de renda fixa, no entanto, aqueles que aparecerem nas categorias da análise voltam a ser abordados mais adiante. Outro ponto particular da renda fixa é que o investidor deve se ater aos impostos e aos índices de inflação para calcular o lucro real.

A renda variável, por sua vez, é todo tipo de investimento que não garante nem um ganho fixo nem a devolução do total que foi aplicado, podendo variar para mais ou para

menos. Ou seja, o investidor pode ganhar ou perder dinheiro. Os principais tipos são: ações e fundos imobiliários. A Bolsa de Valores do Brasil é a B3, que significa Brasil, Bolsa e Balcão. A criação da B3 foi um processo gradual e secular, que começou em 1890, com a criação da Fundação da Bolsa Livre, de São Paulo, passando por diversos outros modelos, até a fusão de uma única bolsa, em 2017, rompendo com o “modelo anterior, que se sustentava na utilização de nove bolsas de valores dispersas pelas diversas regiões do Brasil e ainda representando uma tentativa de minimizar o problema de baixa liquidez” (Pinheiro, 2019, p. 331). Apresentados esses conceitos, a seguir, serão feitas reflexões sobre o jornalismo econômico brasileiro.

Jornalismo econômico: auxiliando na alfabetização financeira

Informação e economia sempre andaram de mãos dadas. No período Neolítico (7.000 a.C – 2.500 a.C), por exemplo, imperava a economia de escambo, que era baseada na troca direta de mercadorias e serviços. Já nessa época, a troca de informações através da comunicação oral tinha grande importância. Essa relação durou milhares de anos até que se chegasse à invenção da imprensa e, conseqüentemente, o surgimento do que hoje é chamado de jornalismo econômico. Aliás, “o jornalismo econômico tem a mesma idade da imprensa” (Caldas, 2008, p. 11), pois desde o surgimento dos primeiros jornais, informações sobre os mais variados mercados são de interesse público.

Ainda no que se refere à história da imprensa, vale destacar que ela teve papel fundamental na redução dos índices de analfabetismo no mundo ocidental, especialmente na virada do século XIX para o século XX. Assim, pouco mais de um século depois, não só a imprensa, mas todas as mídias ganham importância no desafio de alfabetizar a população financeiramente. Para isso, o jornalismo pode assumir um protagonismo único. Nesse sentido, o conhecimento do jornalista sobre a editoria é fundamental para que ele possa decodificar as mensagens repassadas por especialistas e esclarecer e interpretar números e relatórios para o público. “De fato, os economistas a[s] codificam em linguagem científica, na qual não apenas os argumentos são lógicos, mas também seus conteúdos são constituídos de sistemas lógicos, conceitos, relações e leis econômicas” (Kucinski, 1996, p. 168). Cabe ao jornalista econômico, portanto, decodificar essas mensagens para deixá-las compreensíveis e atrativas para o público. “Ponha o sinal

oposto ao senso comum nas histórias que viraram clichê na imprensa e você provavelmente terá uma grande história nas mãos” (Basile, 2002, p. 101).

Para escrever um texto atrativo ao grande público, o repórter econômico não pode cair na armadilha nem de simplificar demais, nem de querer escrever como se ele mesmo fosse um economista. “O desafio do jornalista está em reportar e analisar, transmitir opiniões de economistas e governo, sem usar linguagem que as pessoas comuns não entendem, e sem violar os conceitos criados pela linguagem dos economistas” (Kucinski, 1996, p. 168). Fazendo isso, o repórter contribui para a alfabetização financeira do público em geral, pois antes de o sujeito ir procurar um aplicativo ou uma produção de conteúdo especializada, ele precisa ter acesso a esse material em lugares alternativos. Nesse cenário aparecem os jornais que abordam os mais diferentes assuntos, como é o caso da *Folha de S.Paulo*.

Conforme Conti (1999), a *Folha* foi fundada em 1921 por Olavo Olívio Olival Costa e depois de dez anos passou às mãos de um grupo liderado pelo conde Francisco Matarazzo e por Octaviano Alves de Lima. Já de 1945 até 1962, o jornal esteve sob a direção de José Nabantino Ramos. Na sequência, a continuidade foi “representada por Octavio Frias de Oliveira, um exemplo de empresário schumpeteriano que descobriu a sua verdadeira vocação com mais de cinquenta anos” (*ibid.*, 1999, p.182). Desde 1992 até hoje, o grupo é presidido pelo filho de Octavio Frias, Luiz Frias.

Mesmo sendo um jornal que aborda as mais diversas especialidades, como política e esportes, no campo econômico há o respeito pela divisão dos dois grandes segmentos do setor: a macro e a microeconomia. E qual a diferença? Ora, a microeconomia, de acordo com Pindyck e Rubinfeld (1999), é o ramo que estuda como indivíduos, dentre eles, os investidores, tomam as suas decisões econômicas.

Ela [a microeconomia] esclarece como os consumidores tomam decisões de compra e de que forma suas escolhas são influenciadas pelas variações de preços e rendas; explica também de que maneira as empresas determinam o número de trabalhadores que contratarão e como os trabalhadores decidem onde e como trabalhar (*ibid.*, 1999., p. 3).

Os mesmos autores acentuam que a microeconomia também é chamada de *teoria dos preços*, visando estudar o comportamento de produtores e consumidores em mercados específicos. Já a macroeconomia estuda os fenômenos de forma conjunta, como por exemplo, a inflação, o desemprego, o crescimento econômico, a taxa de câmbio

e a renda nacional. Todavia, os assuntos macroeconômicos podem afetar os microeconômicos, e vice-versa. Ou seja, eles se complementam e dialogam, não sendo excludentes. Essa divisão que vem dos estudos sobre economia também vale para o jornalismo econômico voltado para investimentos, que é o caso da *FolhaInvest*, objeto deste estudo.

Análise de Conteúdo e a categorização dos investimentos

Para mapear quais são os principais temas que aparecem nos textos jornalísticos da editoria *FolhaInvest* da edição impressa do jornal *Folha de S.Paulo*, optou-se pela Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Além disso, essa pesquisa se caracteriza por utilizar tanto análise qualitativa quanto quantitativa. Vale destacar que o procedimento metodológico utilizado se caracteriza por ser “um conjunto de instrumentos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (*ibid.*, 2011, p. 15).

Ademais, foram realizadas as três etapas propostas por Bardin (2011), que são: a pré-análise, a exploração do material, e o levantamento e a interpretação dos resultados obtidos. Para a autora, o interesse dos resultados está, sim, “no que estes nos poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’” (*ibid.*, 2011, p. 44). A inferência, fundamental para a pesquisa, consiste no processamento de derivação feita a partir dos dados e tidos como verdadeiros.

Na pré-análise foram estudadas todas as edições impressas do mês de novembro de 2021. Constatou-se que, mesmo sabendo que no aplicativo da *FolhaInvest* disponibilizado para dispositivos móveis novos conteúdos são lançados diariamente, no caso do primeiro caderno do jornal impresso a editoria publica semanalmente um número reduzido de textos devido à limitação de espaço físico. Assim, foram separadas quatro edições para a análise do material, sendo elas publicadas nos respectivos dias: 1º de novembro, 8 de novembro, 22 de novembro e 29 de novembro. Apenas na segunda-feira do dia 15 de novembro não foi publicada a editoria *FolhaInvest*, pois no seu espaço foi divulgado anúncio comercial de página inteira de uma imobiliária.

Na segunda etapa, exploração do material, foi possível elencar cinco categorias, listadas e caracterizadas abaixo:

- 1) *Finanças pessoais*: conforme Gitman (2010), as finanças pessoais se referem à tomada de decisões do sujeito, podendo ser ele produtor ou consumidor. Nesse caso é considerado o impacto que as decisões financeiras dos atores econômicos têm na vida pessoal ou familiar;
- 2) *Renda fixa*: investimento com regras definidas previamente;
- 3) *Renda variável*: investimento pode variar tanto para mais quanto para menos;
- 4) *Renda fixa e variável*: aborda os dois tipos de investimento no mesmo texto;
- 5) *Comportamento*: relação entre comportamento individual ou social com investimentos.

Feita essa classificação, todos os textos publicados na editoria *FolhaInvest* do mês de novembro de 2021 foram categorizados. Vale ressaltar que, jornalisticamente, dois tipos de textos foram identificados. O primeiro é a *reportagem*, que é um texto mais longo com contextualização e aprofundamento da pauta. “É comum o jornalista trabalhar em uma pauta dessas por alguns dias ou até semanas” (Floresta; Braslauskas, 2009, p. 19). Já o segundo é a *coluna de opinião*, que pode ou não ser escrita por um jornalista. “Procura trazer fatos, ideias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação (Melo, 1994, p. 136). No caso da *FolhaInvest* a colunista é a planejadora financeira Marcia Dessen, que também autora do livro *Finanças Pessoais: o que fazer com meu dinheiro*.

A diversificação das pautas da editoria *FolhaInvest*

Uma das principais estratégias de investimento sugeridas por especialistas como Kiyosaki e Lechter (2000), Cerbasi (2016, 2019) e Pinheiro (2019) é a diversificação da carteira, salientando que a carteira é a divisão do total investido pela pessoa, empresa ou instituição em diferentes tipos de investimentos. Quem investe apenas em uma opção de renda fixa, como a Caderneta de Poupança, por exemplo, vai ter 100% de seus investimentos na Caderneta de Poupança. Já se o investidor dividir os recursos em quatro investimentos, sendo dois de renda fixa (CDB e Poupança, por exemplo) e mais dois em renda variável (ações e fundo imobiliário, por exemplo), ele vai ter 50% em renda fixa e

50% em renda variável e 25% para cada tipo de investimento, se o valor dividido entre todos eles for exatamente o mesmo.

No jornalismo econômico, autores como Caldas (2008), Basile (2002) e Kucinski (1996) pregam a diversidade de pautas, variando entre micro e macroeconomia e, dentro desses dois segmentos, abordando uma pluralidade de assuntos. Assim, na editoria do *FolhaInvest*, para conferir quais os assuntos mais abordados e para verificar se o jornal *Folha de S.Paulo* apresenta uma variação de temas nas páginas da edição impressa sobre investimento, todos os textos encontrados no mês de novembro de 2021 foram classificados nas cinco categorias propostas a partir da exploração do material. Essa análise resultou na elaboração da tabela 1:

Tabela 1: Categorização dos textos publicados na *FolhaInvest* em novembro de 2021

Data	Título	Tema	Tipo de texto
01/11/2021	Papo sério antes do casamento	Finanças pessoais	Coluna de opinião
01/11/2021	Reabertura e Selic guiam apostas em fundo imobiliário	Renda variável	Reportagem
08/11/2021	Cuidados ao investir no exterior	Renda fixa e variável	Coluna de opinião
08/11/2021	Incerteza interrompe IPOs até as eleições	Renda variável	Reportagem
08/11/2021	Consumidor quer usar Black Friday para se livrar dos efeitos da inflação	Comportamento	Reportagem
22/11/2021	Oscilação nos preços da renda fixa	Renda fixa	Coluna de opinião
22/11/2021	Projetos pró-equidade racial atraem recursos de investidor	Renda variável	Reportagem
29/11/2021	CDI a 300%	Renda fixa	Coluna de opinião
29/11/2021	44% dos jovens se baseiam nas redes sociais para investir	Comportamento	Reportagem
29/11/2021	Conheça 5 fundos para investir fora do Brasil	Renda fixa e variável	Reportagem

Fonte: Dados da pesquisa

Para analisar esses dados é preciso olhar um pouco mais de perto cada um dos dez textos publicados. Conforme já ressaltado, a edição impressa da editoria *FolhaInvest*, em novembro, apresentou apenas dois tipos de texto: reportagem e coluna de opinião. No entanto, como o foco da pesquisa não é a classificação dos textos jornalísticos, a análise se dará pela ordem das categorias que aparecem mais frequentemente.

A categoria que mais apareceu foi a renda variável. No total, três dos dez textos foram sobre a temática. O primeiro deles foi a reportagem *Reabertura e Selic guiam apostas em fundo imobiliário*, do repórter Lucas Bombana (2021d), publicado no dia 1º de novembro. Conforme explica Cerbasi (2016), fundos imobiliários investem em participações no mercado imobiliário, acompanhando as valorizações do mercado. No entanto, são considerados renda variável pelos riscos assumidos e porque “são produtos com liquidez reduzida, o que significa que pode não ser fácil obter os recursos de volta quando se pensa em desistir da aplicação” (Cerbasi, 2016, p. 130). Além disso, é um investimento que dilui o capital dos cotistas em diversos imóveis. Na reportagem, o jornalista apresenta as projeções da taxa Selic, que é a taxa básica de juros definida pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), para conter a inflação. A reportagem traz a opinião de especialistas e dados que comprovam a expectativa apresentada no título, como por exemplo, quando salienta o aumento no número de investidores em fundos imobiliários no Brasil que passou de 650 mil no fim de 2019 para 1,17 milhão um ano depois.

O segundo texto sobre renda variável identificado foi: *Incerteza interrompe IPOs até as eleições*, reportagem de Clayton Castellini (2021), publicada no dia 8 de novembro. O conteúdo é sobre como a alta da inflação e a disparada dos juros inviabilizam ofertas iniciais na Bolsa de Valores no restante de 2021 e em 2022. A reportagem inicialmente traz diversos dados e índices para, posteriormente, trazer a palavra de especialistas. Mesmo tendo como foco a dificuldade para abertura de capital das empresas, o texto é importante para os investidores ficarem atentos e não esperarem por tal iniciativa. Lembrando que “abrir o capital de uma empresa significa tornar-se uma companhia de capital aberto, ou seja, emitir ações para o público em geral, que poderão ser transacionadas em bolsas de valores ou nos mercado de balcão” (Pinheiro, 2019, p. 238). No entanto, não é feita nenhuma explicação para iniciantes sobre termos e instituições, o que significa que o texto é produzido para pessoas familiarizadas com o mundo financeiro. O mesmo ocorre no terceiro texto sobre renda variável: *Projetos pró-equidade racial atraem recursos de investidor*. Na reportagem de Lucas Bombana (2021c) são apresentados fundos de investimento para grandes investidores, como fundos de *private equity* e *venture capital*, que “são veículos/instrumentos que possuem certa complexidade em sua estruturação e operacionalização” (*ibid.*, 2019, p. 236).

Já sobre renda fixa, os dois textos encontrados são colunas de opinião de autoria da colunista Marcia Dessen, especialista no assunto. Ao contrário das reportagens sobre renda variável, a autora utiliza uma linguagem mais didática, podendo ser lida e facilmente compreendida tanto por investidores mais experientes, quanto iniciantes. No primeiro texto, intitulado *Oscilação nos preços da renda fixa*, Dessen apresenta algumas variáveis e possibilidades desse tipo de investimento. “Os tempos mudaram, a concorrência aumentou muito com a chegada de novas instituições financeiras e as plataformas de distribuição de produtos permitiram o acesso a investidores a aplicações que antes não estavam disponíveis” (Dessen, 2021c, p. A22). Já o segundo texto sobre a temática é: *CDB a 300% do CDI*. Nessa coluna, ela chama a atenção para o fato da promoção, inicialmente atraente, ter validade apenas nas primeiras aplicações e com valores limitados. Desta forma ela desconstrói, de maneira didática, a propaganda sedutora das instituições financeiras (*ibid.*, 2021a, p. A16).

Outros dois textos abordam tanto a renda fixa quanto a variável. O primeiro, *Cuidados ao investir no exterior*, também é da colunista Marcia Dessen e foi publicado no dia 8 de novembro. Nele, Dessen (2021b) primeiro apresenta dados sobre os investimentos de brasileiros no exterior para depois abordar algumas possibilidades, chamando a atenção para os cuidados que devem ser tomados antes de decidir colocar seu dinheiro neles. Um dos focos principais são os tributos. “Dividendos e aluguéis no exterior, por exemplo, são rendimentos tributáveis segundo a tabela progressiva (0 a 27,5%)” (*ibid.*, 2021b, p. A17). Devido à amplitude da temática, a colunista orienta o leitor a buscar uma assessoria especializada no país onde será feito o investimento. Esse diálogo com o leitor faz com que ela cumpra com um dos objetivos do texto opinativo no jornalismo econômico. “Boas colunas podem e devem compor o planejamento editorial de modo a fazer com que esta alcance a maior cobertura, influência e credibilidade possíveis” (Basile, 2002, p. 146).

O segundo texto que aborda tanto renda fixa quanto variável é a reportagem *Conheça 5 fundos para investir fora do Brasil*, de Lucas Bombana, publicada em 29 de novembro. No texto, Bombana (2021b) apresenta como funcionam cinco fundos de investimento internacionais que utilizam tanto renda fixa quanto variável, utilizando gráficos e entrevistando especialistas no assunto, como gestores de estratégias de ações, superintendentes de empresas de investimento, gestores financeiros e investidores. Assim como as outras reportagens, não traz explicações mais didáticas para iniciantes.

Já na categoria comportamento, aparecem mais dois textos. O primeiro aborda o comportamento do consumidor em uma data festiva que se aproxima: a Black Friday. A reportagem foi publicada no dia 8 de novembro e traz como título *Consumidor quer usar Black Friday para se livrar dos efeitos da inflação*. A abordagem está relacionada a assuntos da macroeconomia, porém, o conteúdo acaba destacando o perfil do consumidor, que quer aproveitar os descontos para comprar principalmente alimentos e presentes para as festas de final de ano. O comportamento dos consumidores é esmiuçado na reportagem principalmente por meio dos dados divulgados pela *fintech Trigg*, empresa que fez a pesquisa. “De acordo com o levantamento, 65,4% dos entrevistados esperam conseguir entre 20% e 50% de desconto sobre o preço dos produtos” (Madureira, 2021, p. A17).

A segunda reportagem dessa categoria é sobre o comportamento dos jovens brasileiros em relação ao tema investimentos. O texto intitulado *44% dos jovens se baseiam nas redes sociais para investir*, produzido pelo repórter Lucas Bombana (2021a) e publicado em 29 de novembro, esmiúça a pesquisa do Datafolha que demonstra que 64% dos jovens acreditam que é possível ganhar muito dinheiro em pouco tempo com bases em dicas da internet. No caso, a opinião de especialistas consultados pelo jornalista, como Liao Yu Chieh, professor do Insper e diretor de educação financeira do C6 Bank, que encomendou a pesquisa, converge com a perspectiva de Cerbasi (2019) de que é um mito acreditar em dinheiro fácil no ramo dos investimentos financeiros. No entanto, o que diferencia as duas reportagens sobre comportamento dos textos sobre renda fixa e variável é a linguagem mais acessível ao grande público, e a interpretação dos dados, mais compreensível para iniciantes em investimento.

No mesmo sentido aparece a única produção voltada para finanças pessoais no mês de novembro de 2021. Trata-se da coluna de Marcia Derssen, *Papo sério antes do casamento*, em que a autora dá dicas sobre o planejamento financeiro para as pessoas que desejam se casar. “As finanças serão uma consequência do planejamento da vida que querem viver, do padrão e do estilo de vida” (Dessen, 2021d, p. A17). Assim como nos outros textos já mencionados de Dessen, ela opta pelo didatismo e uma linguagem coloquial, como se estivesse dando as dicas oralmente para o leitor.

Por fim, para facilitar a compreensão sobre os resultados obtidos na pesquisa, apresenta-se o gráfico 1:

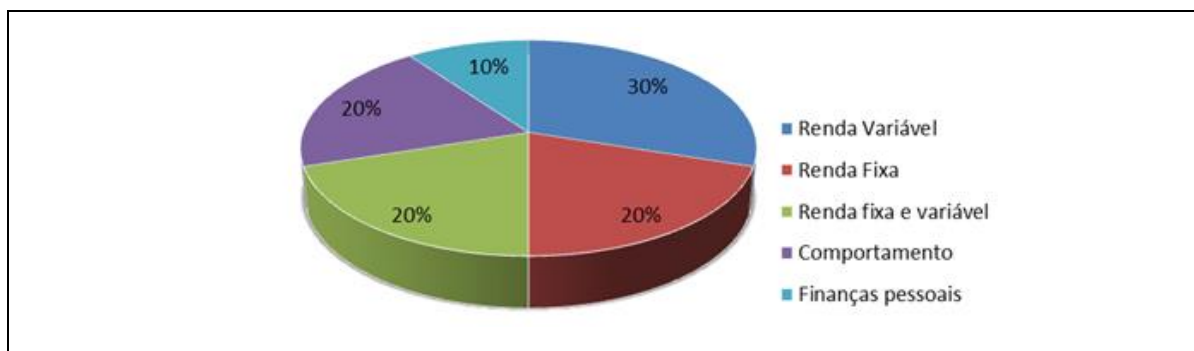


Gráfico 1: Assuntos abordados nas reportagens e colunas de opinião da editoria na edição impressa do primeiro caderno da *Folha de S.Paulo*

Fonte: Dados da pesquisa

Como é possível perceber, respondendo à pergunta de pesquisa feita anteriormente, o tema que prevaleceu na editoria *FolhaInvest* da edição impressa da *Folha de S.Paulo* durante o mês de novembro foi a renda variável. Porém, há uma diversificação nos temas e também um equilíbrio no espaço dado para cada assunto. Essa pluralidade da editoria vai ao encontro da defesa dos investidores no setor financeiro, que apostam no investimento em várias frentes para obter melhores resultados. “São muitos os que, apesar da quantidade de dinheiro que possuem, não progredem financeiramente. Limitar suas opções é o mesmo que agarrar-se a ideias antiquadas” (Kiyosaki; Lechter, 2000, p. 107). Em contrapartida, acrescentam os autores, a maioria das pessoas só conhece uma solução: trabalhar arduamente, poupar e tirar empréstimos. Pode-se afirmar que, tomar tais atitudes, seria o mesmo que a editoria de investimentos de um jornal optar por apenas uma fórmula ou monopolizar os assuntos abordados em suas páginas.

Apesar da boa diversificação de assuntos sobre investimentos nas páginas da *FolhaInvest*, que nesse recorte apresenta uma tendência positiva de pluralidade e equilíbrio, constatou-se diferenças na forma de abordar os assuntos. Enquanto as produções sobre renda fixa e variável são pouco didáticas e são escritas para um leitor mais qualificado e já inserido no mundo dos investimentos e das finanças, reportagens sobre comportamento e as colunas de opinião são mais explicativas e didáticas. Acredita-se, assim, que a reportagem poderia, além de apresentar tendências, também fazer uma análise mais crítica de falsas oportunidades, prestando um jornalismo econômico mais

próximo da prestação de serviço ao leitor, afinal, consultores, analistas e propagandas de instituições financeiras podem induzir o público a fazer péssimos negócios.

Considerações finais

Voltando ao exemplo dos consultores, orientadores, gurus, investidores e outros profissionais que utilizam as plataformas digitais para propagar os seus conteúdos, ressalta-se que o jornalista tem uma grande vantagem sobre eles, mas que precisa aprender a explorar mais. Enquanto esses produtores de conteúdos ficam presos às suas especialidades, o profissional de imprensa tem liberdade para ouvir os mais variados e qualificados especialistas para abordar os diferentes assuntos. Não é à toa que, em seus livros, Gustavo Cerbasi — que também conta com perfis nas redes sociais e canal no YouTube — orienta o seu público a acompanhar a imprensa especializada em investimentos, como é o caso da *FolhaInvest*.

Outro ponto a favor do jornalismo econômico é que ele ainda conta com uma imagem, construída ao longo dos séculos de imprensa brasileira, de credibilidade e de independência. Ou seja, enquanto o youtuber que também é dono de uma financeira quer, direta ou indiretamente, divulgar seu conteúdo para conquistar mais clientes, o jornalista pode — e deve — repassar uma informação útil e qualificada a seu público, afinal, é a informação correta do jornalista que vai atrair mais pessoas para os seus veículos. “Não aceitar encomendas de relatórios reservados, ou outros textos que não sejam escritos segundo a ótica do interesse público; não aceitar pagamentos por palestras a empresários que não possam ser públicas; não aceitar favores ou presentes de valor” (Kucinski, 1996, p. 181), orienta o autor aos jornalistas do setor econômico para manter a sua credibilidade e independência. Apenas assim, o jornalismo econômico cumprirá com a sua função pública, que além de orientar a população sobre como investir melhor, também pode auxiliar na alfabetização financeira dos brasileiros.

Sobre os resultados obtidos, salienta-se que a editoria *FolhaInvest*, na edição impressa do primeiro caderno do jornal *Folha de S.Paulo*, cumpre com seu papel de diversificar os assuntos levados ao leitor. Por outro lado, peca em alguns casos ao privar o leitor iniciante do entendimento de pautas mais complexas, como as reportagens analisadas sobre rendas fixa e variável. Nesse sentido, a coluna de opinião de Marcia Dessen e as reportagens sobre comportamento ajudam a balancear a atratividade da

página para o leitor não familiarizado com o mundo das finanças. O desafio, apontado por este estudo, é trazer essa perspectiva mais didática e clara — se não para todas — ao menos para algumas das reportagens sobre investimentos em renda fixa e variável. Por fim, encerra-se este estudo salientando que ele faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre a temática, esperando que possa servir aos interesses do leitor e incentivar outros pesquisadores a aprofundarem os conceitos, os objetivos, os deveres e os benefícios do jornalismo econômico na sociedade.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BASILE, S. **Elementos do jornalismo econômico**: a sociedade bem informada é uma sociedade melhor. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- BOMBANA, L. 44% dos jovens se baseiam nas redes sociais para investir. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 nov. 2021a. Primeiro caderno. p. A16.
- BOMBANA, L. Conheça 5 fundos para investir fora do Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 nov. 2021b. Primeiro caderno. p. A17.
- BOMBANA, L. Projetos pró-equidade racial atraem recursos de investidor. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2021c. Primeiro caderno. p. A23.
- BOMBANA, L. Reabertura e Selic alta guiam apostas em fundo imobiliário. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 nov. 2021d. Primeiro caderno. p. A17.
- CALDAS, S. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CASTELINI, C. Incerteza interrompe IPOs até as eleições. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 8 nov. 2021. Primeiro caderno. p. A17.
- CERBASI, G. **Dinheiro**: os segredos de quem tem. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CERBASI, G. **Investimentos inteligentes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- CONTI, M. S. **Notícias do Planalto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DESSEN, M. CDB a 300% do CDI. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 29 nov. 2021a. Primeiro caderno. p. A16.
- DESSEN, M. Cuidados ao investir no exterior. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 8 nov. 2021b. Primeiro caderno. p. A17.

DESSEN, M. Oscilação nos preços da renda fixa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 nov. 2021c. Primeiro caderno. p. A22.

DESSEN, M. Papo sério antes do casamento. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 nov. 2021d. Primeiro caderno. p. A17.

FLORESTA, C.; BRASLAUSKAS, L. **Técnicas de reportagem e entrevista em jornalismo**: Roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva: 2009.

GITMAN, L. **Princípios da administração financeira**. São Paulo: Person Prentice Hall, 2010.

KIYOSAKI, R.; LECHTER, S. **Pai rico, pai pobre**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

KUCINSKI, B. **Jornalismo econômico**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1996.

MADUREIRA, D. Consumidor quer usar Black Friday para se livrar dos efeitos da inflação. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 8 nov. 2021. Primeiro caderno. p. A16.

MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BBC Brasil. **Pesquisa mede “analfabetismo financeiro” no mundo; veja as questões do teste**. São Paulo: BBC Brasil, 2015. Disponível em: <https://bbc.in/3sqjiZk>. Acesso em: 5 dez. 2021.

PINDYCK, R.; RUBINFELD, D. **Microeconomia**. São Paulo: Makron Books, 1999.

PINHEIRO, J. **Mercados de capitais**. São Paulo: Atlas, 2019.

Submissão: 14 de dez. 2021

Aceite: 7 de nov. 2023.